

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP
Faculdade das Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

Trabalho de Conclusão de Curso

A religião como possibilidade de estruturação e/ou alienação do indivíduo
na sociedade – uma abordagem junguiana.

Danielle Valadão Pacheco

São Paulo –SP
Junho de 2012

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP
Faculdade das Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

Trabalho de Conclusão de Curso

A religião como possibilidade de estruturação e/ou de alienação do indivíduo na sociedade – uma abordagem junguiana.

Trabalho apresentado como exigência da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso do 5º ano do curso de Psicologia da PUC-SP, sob orientação da Professora Doutora Noely Montes.

São Paulo – SP
Junho de 2012

AGRADECIMENTOS

“O senhor... mire, veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam, verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra montão.” (João Guimarães Rosa)

Agradeço aos meus familiares, em especial aos meus pais e as minhas irmãs, aos amigos e aos professores por terem me acompanhado e me ensinado muito em todos esses anos.

RESUMO

Tendo em vista a importância da religiosidade no Brasil, esta pesquisa visou entender, sob o referencial teórico da Psicologia Analítica, o duplo papel que a religião pode adquirir na estruturação psíquica do ser, ou seja, entendemos que a religião pode atuar como estruturante, ao oferecer amparo à vivência psíquica do indivíduo e/ou como alienante, ao roubar o indivíduo da sua possibilidade de ser si mesmo. Vale esclarecer, que a abordagem junguiana e os movimentos religiosos são duas fontes de conhecimentos distintos e não excludentes, portanto uma não ocupa o lugar da outra.

Para este trabalho foi escolhida a metodologia teórica e, a partir de autores como Edward F. Edinger, Nise da Silveira, Murray Stein, dentre outros, além da obra de Carl Gustav Jung, busquei entender um pouco mais, sob a luz da abordagem junguiana, o fenômeno religioso como relação de ajuda na estruturação do ser e como alienante.

Utilizei ainda o recurso de tomar produções culturais (poesia, pintura, literatura, música e cinema) para ilustrar e ampliar as reflexões sobre o tema, já que tais produções são expressões das vivências essenciais da humanidade.

Pensando que o processo de individuação, movimento não linear que visa o alcance de uma totalização da personalidade, se configura em uma “busca” do indivíduo alcançar o si mesmo, através de uma ampliação do contato entre o Ego e o Self, pretendi responder nesta pesquisa indagações que permeiam a relação do homem com o sagrado.

Palavras-Chave: Psicologia Analítica, Processo de Individuação, Religião, Relação de Ajuda, Alienação.

SUMÁRIO

- Introdução p.06
- Justificativa e Relevância p.10
- Método p.12
- Capítulo 1 – Contribuições da Carl Gustav Jung para o entendimento da religiosidade p.14
- Capítulo 2 – A busca religiosa e o processo de Individuação p.26
- Capítulo 3 – A religião como propiciadora de ajuda e como alienadora na busca pelo significado / significado da vida p.32
- Capítulo 4 – Discussão e análise do filme “O nome da Rosa” p.38
- Considerações finais p.42
- Referências Bibliográficas p.44

INTRODUÇÃO

“O autoconhecimento de cada indivíduo, a volta do ser humano às suas origens, ao seu próprio ser e à sua verdade individual e social, eis o começo da cura da cegueira que domina o mundo de hoje.”(JUNG, 2005, p.IX, Prefácio à 2ª edição).

Em uma entrevista concedida à BBC de Londres, no ano de 1959, Jung respondeu a uma pergunta a respeito de sua crença em Deus com a seguinte fala “*Não necessito crer em Deus: eu sei*”, com essas palavras ele manifesta o entendimento de que “*a religiosidade é uma função natural, inerente à psique*” (SILVEIRA, p. 141, 1983) que participa, ao longo de toda nossa existência, do processo de nosso desenvolvimento psíquico.

Uma das fases desse processo de desenvolvimento ocorre através da ampliação da consciência, isto é, através de uma integração entre o Consciente e o Inconsciente formando um novo elemento, uma consciência mais desenvolvida, mais ampliada. Esta ampliação da consciência é arquetípica, ou seja, engloba desde a evolução da espécie até a evolução do homem em si, resultando na transformação de um ser individual indiferenciado em uma pessoa única, completa e indivisível. É importante enfatizarmos que esta completude do ser (totalidade) a qual buscamos alcançar é mais do que a reunião das partes que compõem a psique, é fruto de uma integração dessas diferentes partes (Consciente e Inconsciente), neste sentido, tanto os arquétipos do Inconsciente Coletivo, que são as potencialidades humanas, como as imagens do Inconsciente Pessoal, ou seja, as manifestações desses arquétipos, dessas potencialidades, configuram-se como peças fundamentais no processo do desenvolvimento psíquico rumo à individuação (ZENI, 2005). É, portanto este um processo:

“de busca pela totalidade onde o principal fator é justamente o diálogo estabelecido entre EGO e o SELF. Pode ser considerado também um processo de busca por uma aproximação com o SELF através da conscientização dos conteúdos desconhecidos à consciência.” (p. 19).

Desta maneira, principal responsável pela organização psíquica, o Self, arquétipo central da psique, “atua”, através de um movimento dinâmico e autorregulador, na estruturação da personalidade lançando impulsos para a consolidação do processo de individuação.

A individuação tem, portanto, participação fundamental na constituição do ser enquanto ele mesmo uma vez que,

“O processo de individuação é algo que se manifesta como uma pressão interna contínua, que ora se expressa de forma sutil, ora de forma violenta, para a realização de nossa totalidade. Muito embora todos

nasçam com essa tendência, poucos conseguem levar a termo a concretização e/ou a conscientização desses anseios, que se expressam nas fantasias, nos sonhos, nos desejos profundos.” (ULSON, p.65, 1988).

Posto isso, a percepção de religiosidade, sob a luz da psicologia analítica, surge no sentido de o fenômeno religioso poder ser um dos pilares para o processo de individuação, uma vez que nesta etapa do desenvolvimento psíquico a ligação do indivíduo a uma crença interior, pode se dar como uma forma deste indivíduo se vincular a algo que lhe ofereça apoio e sustentação na busca de si mesmo.

Neste sentido, MALANDRINO (2003) entende que a religiosidade é “*a expressão da necessidade do homem de vivenciar um aspecto mais universal, atemporal, e coletivo da mente inconsciente, unindo à sua dimensão pessoal, egóica e consciente.*”(p.53). Assim, pensando na abordagem junguiana, ela entende que a religiosidade atua como um elo entre os opostos – Consciente e Inconsciente – o que, por sua vez, resulta numa intensificação do contato entre o Ego e o Self. Malandrino alega também que esse tipo de experiência influencia diretamente o processo de individuação, por facilitar a ampliação da consciência através de um contato entre os conteúdos individuais e coletivos da psique. Nesta perspectiva, STEIN (2006) nos diz que:

“O mecanismo psicológico por meio do qual a individuação ocorre, (...) é o que Jung chamou de compensação. (...) A função da compensação consiste em introduzir equilíbrio no sistema psíquico.(...) O inconsciente compensa a consciência do ego ao longo da vida toda e de muitas maneiras – por atos falhos, esquecimentos ou revelações milagrosas; [podendo ser a religiosidade uma dessas formas de compensação].” (p.157-158).

JUNG (2005) tratando do mecanismo de compensação da psique, nos esclarece ainda que “*A progressividade inconsciente e o atraso consciente formam um par de contrários, que equilibram, por assim dizer, os pratos da balança.*” (p.99,§182).

A religiosidade pode aparecer então, como um dos veículos capazes de atuar nessa compensação ao estabelecer, por exemplo, uma relação entre o ser humano e o que foi denominado de numinoso (ZENI, 2005).

O termo numinoso, citado por Jung na obra “*Psicologia e Religião*”,

“denomina o efeito de um acontecimento que foge ao domínio do indivíduo, o assola e o toma como vítima. É uma sensação interior capaz de iniciar um processo de união do homem que o vivencia com a sua essência, comumente denominado transcendência” (ZENI, 2005, p.22).

É, portanto, um momento de entrega incontestável do indivíduo a algo emocionalmente soberano sendo a religiosidade um meio possível de o homem entrar em contato com essa vivência transcendente.

Vale esclarecer porém que diferentemente da religiosidade, que podemos entender como uma função subjetiva do ser, a religião aparece como uma possibilidade de subjetivação de valores de uma instituição objetiva. Em *“Psicologia e Religião”*, JUNG (2011a) nos esclarece seu entendimento por Religião afirmando que: *“Religião é – como diz o vocábulo latino religare – uma acurada e conscienciosa observação daquilo que Rudolf Otto acertadamente chamou de numinoso...”*(p.19, §6) revelando a percepção de que a religião pode ser uma tentativa concreta e exterior ao indivíduo de evocação da vivência numinosa.

Sendo uma vivência exterior, entendemos que a religião, diferentemente da religiosidade, pode atuar de uma dupla maneira na consolidação do indivíduo como ele mesmo, pois além de possuir um papel estruturante ela, por sua vez, pode tirar o indivíduo por inteiro do contato consigo mesmo, ocasionando um “revés” da individuação, ou seja, ao invés de servir de amparo para a individuação ela pode deixar o indivíduo sobre o “domínio” do outro, alienando-o do contato consigo mesmo.

Nesta perspectiva, este trabalho buscou entender a influência das instituições religiosas no desenvolvimento psíquico do indivíduo.

Justificativa e Relevância

Os rituais religiosos são, sem dúvida, um elemento importante na formação de nossa cultura. Esses rituais e crenças há séculos tem influenciado, amparando e/ou alienando, a constituição do Brasil e do povo brasileiro.

Percebendo a realidade atual de propagação das “casas de religião” e do aumento de seguidores das diferentes crenças, pensar a possibilidade de alienação ou de ajuda que as religiões estabelecem em seus seguidores é um trabalho de importância fundamental para o entendimento do cenário em que vivemos e das necessidades e carências humanas que transcende o nível material, tão presente nos dias de hoje.

A religião, como alienante e/ou como estruturante, é um mecanismo ao qual o homem muitas vezes se vincula perante o inexplicado ou ao incapacitante. Na literatura e na música popular brasileira, por exemplo, podemos citar alguns exemplos em que o apego a um Deus ou a uma crença visa acolher o homem nesses momentos de desamparo, assim segue a seguir alguns desses exemplos:

“E aí me dá uma tristeza no meu peito / Feito um despeito / De eu não ter como lutar / E eu que não creio / Peço a Deus por minha gente. / É gente humilde / Que vontade de chorar.” (GAROTO, HOLANDA e MORAES, 1969), grifo meu.

“Levantei os olhos ao céu, que começava a embruscar-se, mas não foi para vê-lo coberto ou descoberto. Era ao outro Céu que eu erguia a minha alma; era ao meu refúgio, ao meu amigo. E então disse de mim para mim: “Prometo rezar mil padrenossos e mil ave-marias, se José Dias arranjar que eu não vá para o seminário””. (ASSIS, p.45, 2001), grifo meu.

Nesta direção, a vinculação religiosa, por meio de crenças, rituais e leis do sagrado (dogmas) pode orientar ou ilusionar o homem no que foge ao seu controle e entendimento e, ao mesmo tempo em que pode ampará-lo no desenvolvimento de si mesmo, por meio de um mecanismo de auto-regulação, pode roubá-lo, aliená-lo dessa busca e desse encontro consigo mesmo o tornando inautêntico em sua existência.

A partir disto e pensando nos dias atuais em que as instituições religiosas tem surgido e se espalhado ligeiramente em todos os lugares e tendo o número de adeptos e seguidores dessas crenças crescido rapidamente, a noção de um Self, que se vincula ao sagrado numa busca de ajuda e amparo na relação com o mundo e na constituição do si mesmo ou através da alienação, tem sido cada vez mais evidente. Assim, estudar a religiosidade a partir dessas duas possibilidades, como sistema de ajuda e como alienante, sob o prisma da abordagem junguiana, se mostra de importância fundamental para o nosso entendimento do ser humano individual e coletivo.

Método

Realizei uma investigação teórica, estudando e analisando o pensamento de Carl Gustav Jung e outros autores junguianos, no sentido de buscar elementos que me orientassem na compreensão do tema em questão. Estruturalmente esta investigação consistiu em:

Realizar uma revisão bibliográfica sobre livros e artigos que tratassem de assuntos relacionados à religiosidade, a religião, processo de individuação e a Psicologia Analítica.

Ampliar a revisão bibliográfica buscando trabalhos de Jung que tratam mais especificamente dos assuntos: a relação do homem com o sagrado, a relação de ajuda estabelecida entre o homem e o sagrado, a possibilidade de alienação da religião.

Buscar trabalhos cujo foco fosse o pensamento junguiano no que se refere à constituição da personalidade do ser, bem como a relação deste processo com o sagrado..

Entrar em contato com a obra “O futuro de uma ilusão” de Sigmund Freud, considerando as importantes contribuições desse autor no que se refere ao estudo da religião em nossa sociedade.

Elaborar capítulos que discutissem a percepção de religiosidade para Jung e a influência da religião, como instituição, na estruturação do ser, a partir de todo material investigado e estudado nas etapas anteriores.

Utilização de produções culturais como recurso ilustrativo das vivências essenciais da humanidade, visando a ampliação das reflexões referentes ao tema em questão. Foram utilizadas as obras:

- Música: Gente Humilde
- Livro: Dom Casmurro
- Quadro: O grito
- Documento histórico: Bíblia Sagrada (Católica)

- Música: João e Maria
- Quadro: A criação de Adão
- Filme: O nome da Rosa

Por fim, a partir de todo estudo realizado, foi feita uma discussão baseada na análise do filme “O nome da Rosa” de Jean-Jacques Annaud.

**Capítulo 1 – CONTRIBUIÇÕES DE CARL GUSTAV JUNG
PARA O ENTENDIMENTO DA RELIGIOSIDADE**

Neste capítulo, apresentaremos as características do pensamento junguiano no que diz respeito à religiosidade.

Partiremos do princípio de que o presente tema muito tem de ser estudado e explorado pela psicologia, uma vez que a religião é, sem dúvida, um dos meios mais antigos de expressão da alma humana. Neste sentido, a relação do homem com a religiosidade e com a religião deve fazer parte dos estudos da estrutura psicológica da personalidade humana (JUNG, 2011a).

Antes de aprofundarmos este tema, é importante esclarecer a escolha de utilizar a terminologia “religiosidade” ao invés de “espiritualidade”, neste trabalho. Na literatura acadêmica encontramos uma distinção entre os significados dos termos “religiosidade” e “espiritualidade”, esta distinção se dá no sentido de que o primeiro coloquialmente remete a uma ideia institucional da religião, sendo que o segundo, estaria mais diretamente relacionado a uma vivência individual e subjetiva de uma experiência com o sagrado. Neste estudo, utilizaremos o termo “religiosidade”, ao tratarmos da relação subjetiva do homem com o sagrado por ser este o termo utilizado por Jung na maior parte da sua obra que diz respeito a tal assunto, e utilizaremos terminologias como “instituição religiosa” ou “casa de religião”, para tratar das instituições religiosas em si.

Jung viveu em uma época em que os pensamentos, para receberem um reconhecimento científico, deveriam ser enquadrados nos moldes das ciências naturais, em função disso, destaca que o estudo da vivência religiosa se situa dentro do campo concreto das ciências podendo, portanto, ser aceito no mundo científico (JUNG, 2011a), para tal nos esclarece que:

“Trata-se de um ponto de vista exclusivamente científico, isto é, tem como objeto certos fatos e dados da experiência. Em resumo: trata de acontecimentos concretos. Sua verdade é um fato e não uma apreciação. Quando a Psicologia se refere, p. ex., ao tema da concepção virginal, só se ocupa da existência de tal ideia, não cuidando de saber se ela é verdadeira ou falsa, em qualquer sentido.” (p.18, §4).

Esta afirmação deixa claro que as explicações do mundo podem ser pautadas em uma realidade física e/ou psíquica, sendo que esta, a realidade psíquica, constitui-se

como uma verdade que “*não se pode duvidar e que também não precisa ser demonstrada*” (JUNG, 2011c, p.11, §553). É uma verdade inadmissível para a física, porém real e aceita no mundo psíquico devendo ser um conhecimento passível de aceitação no campo das ciências naturais (JUNG, 2011c).

A religiosidade ao transmitir experiências “*Não criadas pelos indivíduos, mas [que] lhe ocorrem simplesmente, e mesmo irrompem, por assim dizer, na consciência individual.*” (JUNG, 2011a, p.19, §5), pode aparecer como uma face objetiva, concreta do numinoso que, “*pode ser a propriedade de um objeto visível, ou o influxo de uma presença invisível, que produz uma modificação especial na consciência.*” (JUNG, 2011a, p.19, §6)

Neste caminho, muitas expressões da religiosidade aparecem em forma de rituais, como uma maneira de exteriorização e de tentativa de evocação do efeito numinoso (2011a). Dessa relação entre a religiosidade e o numinoso, Jung nos esclarece:

“Eu gostaria de deixar bem claro que, com o termo “religião”, não me refiro a uma determinada profissão de fé religiosa. A verdade, porém, é que toda confissão religiosa, por um lado, se funda originalmente na experiência do numinoso, e, por outro, na pistis, na fidelidade (lealdade), na fé e na confiança em relação a uma determinada experiência de caráter numinoso e na mudança de consciência que daí resulta. (...) Poderíamos, portanto, dizer que o termo “religião” designa a atitude particular de uma consciência transformada pela experiência do numinoso.” (2011a, p.20-21, §9).

Nesta ótica, a relação do homem com o sagrado se dá de maneira inusitada, pois uma vez que uma vivência com o numinoso revela um contato com aquilo de mais profundo, autêntico e inesperado da alma humana, a “evocação” extra-ordinária de uma relação com o sagrado a partir desta vivência constitui um modo de viver próprio, em que o homem se depara com o grandioso, que lhe toca, lhe toma e lhe vitimiza o tornando incapaz de lutar contra tais forças cabendo-lhe apenas a entrega a esta vivência pautada no surpreendente e transformador.

Assim, a manifestação concreta do numinoso através da criação de religiões com seus rituais e dogmas expressa uma necessidade humana de transformar o que lhe toca em representação. Neste pensamento, Jung (2011a) nos afirma que:

“As confissões de fé são formas codificadas e dogmatizadas de experiências religiosas originárias. Os conteúdos da experiência foram sacralizados e, via de regra, enrijeceram dentro de uma construção mental inflexível e, frequentemente, complexa. O exercício e a repetição da experiência original transformaram-se em ritos e em instituição imitável.” (p.21, §10).

Jung destaca que as religiões não são estruturas estáticas de uma manifestação humana originária, ela acompanha a cultura e os valores de cada época por isso, não raro, ela permanece imutável por décadas e, embora muitas instituições religiosas não demonstrem essa possível mobilidade de seus rituais e dogmas elas não admitem que esses valores sejam imutáveis:

“Isto não significa necessariamente que se trata de uma petrificação sem vida. Pelo contrário, ela pode representar uma forma de experiência religiosa para inúmeras pessoas, durante séculos, sem que haja necessidade de modificá-la. Embora muitas vezes se acuse a Igreja Católica por sua rigidez particular, ela admite que o dogma é vivo e, portanto, sua formação seria, em certo sentido suscetível de modificação e evolução. Nem mesmo o número de dogmas é limitado, podendo aumentar com o decorrer do tempo. O mesmo ocorre com o ritual. De um modo ou de outro, qualquer mudança ou desenvolvimento são determinados pelos marcos dos fatos originalmente experimentados, através dos quais se estabelece um tipo particular de conteúdo dogmático e de valor afetivo.” (JUNG, 2011a, p.21, §10).

Cabe-nos agora uma reflexão a respeito da relação entre o numinoso, a religiosidade e as instituições religiosas em si.

O numinoso revela uma experiência originária vivida pelo homem de algo grandioso e transformador, que lhe coloca em contato com uma nova possibilidade de existir, dando-lhe um novo sentido à vida. É, portanto, a desestabilização de um existir que, momentaneamente “perde o chão do conhecido aparente da vida” ao se deparar com o desconhecido. Assim,

“O caráter numinoso de tais experiências [vivência mística] consiste em que a pessoa se sente ‘subjugada’ por elas; uma confissão contra a qual não só o orgulho resiste, como também o tremor profundamente arraigado de uma possível perda da supremacia da consciência, e muitas vezes o orgulho nada mais é do que uma ‘pseudorreação’ que

dissimula, por assim dizer, o medo de que se está possuído.”(JUNG, 2011b, p. 93, §275).

Desta maneira, a vivência numinosa coloca o homem em contato brusco com a ambiguidade de ser si mesmo, pois ao mesmo tempo em que pode angustiá-lo, frente a esta desestabilização de si, o coloca num “êxtase” de viver outra maneira de se poder ser.

É fundamental destacar que esta transformação que o numinoso provoca pode ser traduzida em expressão exterior ao homem ou pode ser vivida como algo íntimo, pessoal e “imperceptível” ao outro. Queremos dizer com isto que o “assalto” numinoso sempre é transformador, em grandes ou pequenos aspectos, mas nem sempre esta transformação é claramente manifesta ao mundo.

É então a partir desse contato primordial que a religiosidade aparece como uma, dentre outras formas possíveis, de manifestação exterior dessa experiência com o numinoso, marcando uma possibilidade de exteriorização de uma experiência única, interior e individual. Jung (2011b) entende que a religiosidade surge de maneira inconsciente para depois ser conscientizada, através das imagens arquetípicas, sendo que a manifestação arquetípica da religiosidade carrega em si um aspecto numinoso, deste modo, nos esclarece que:

“as proposições religiosas nunca são racionais em sentido corrente, pois elas têm sempre em mira aquele outro mundo, o ‘mundo archetypus’ (mundo arquetípico) de que a inteligência comum, que só se ocupa do exterior, não toma consciência. (...) O arquétipo, onde quer que se manifeste, tem um caráter compulsivo, precisamente por proceder do inconsciente; quando seus efeitos se tornam conscientes, caracteriza-se pelo ‘aspecto numinoso’”(JUNG, 2011b, p.53-54, §222).

Seguindo a direção oposta, muitas instituições religiosas visam despertar a experiência numinosa no coletivo através, por exemplo, dos rituais. Os rituais surgem como uma maneira de conservar e de propagar os ideais dessas instituições que não raramente são seguidos em massa por devotos de todas as partes, sem que necessariamente tais rituais tenham despertado nestes “féis” o contato numinoso.

Isto, de certa forma, acaba por revelar outro aspecto da personalidade humana, a necessidade de, muitas vezes perante o “desestruturador”, se vincular (positiva ou

negativamente) a algo que lhe é colocado como grandioso. Essa força grandiosa, que carrega a utopia de se aproximar do numinoso, exaltada e propagada nas casas de religiões, revela-se com o diferencial de ser, na maioria das vezes (quando coincidentemente não evoca o numinoso, exploraremos isso mais adiante) algo inautêntico, por não brotar do interior, do Self de cada um e sim, por ser uma tentativa de interiorização religiosa no homem sendo, portanto, uma experiência que vem de fora pra dentro. Essa força exterior a qual o ser humano fortemente e/ou fragilmente se vincula (rituais, crenças, dogmas, etc.) pode ser um revelador da necessidade de amparo para se suportar à instabilidade do viver, e pode ser também um indicador de um poder alienante dessas instituições.

Neste caminho, podemos pensar este capítulo a partir de dois eixos:

- A tradução do numinoso em expressão religiosa;
- A ambiguidade das religiosas - alienação e estruturação.

A tradução do numinoso em expressão religiosa

Já vimos que um evento numinoso surge de algo, que pode ser “qualquer coisa”, que toca o ser humano interiormente de um modo especial e que o coloca em contato com uma vivência grandiosa e extra-ordinária, uma subjetivação sensível e consciente de algo que o toma.

Esta subjetivação consciente de uma “*atitude particular*”, pode ser traduzida exteriormente em algo de cunho religioso ou não. O que envolve a maneira como cada ser humano codifica uma vivência numinosa é algo individual, próprio do repertório consciente e inconsciente, individual e coletivo, de cada um. Portanto, não nos cabe aqui buscar o motivo que leva cada um a traduzir a experiência numinosa de uma determinada maneira, cabe-nos apenas entender que essa tradução pode ter infinitas manifestações, sejam estas manifestações, exteriorizadas ou não.

Posto isto, exploraremos nosso pensamento a partir de dois exemplos de traduções exteriores de vivências numinosas, a primeira de cunho artístico e a segunda de cunho religioso.

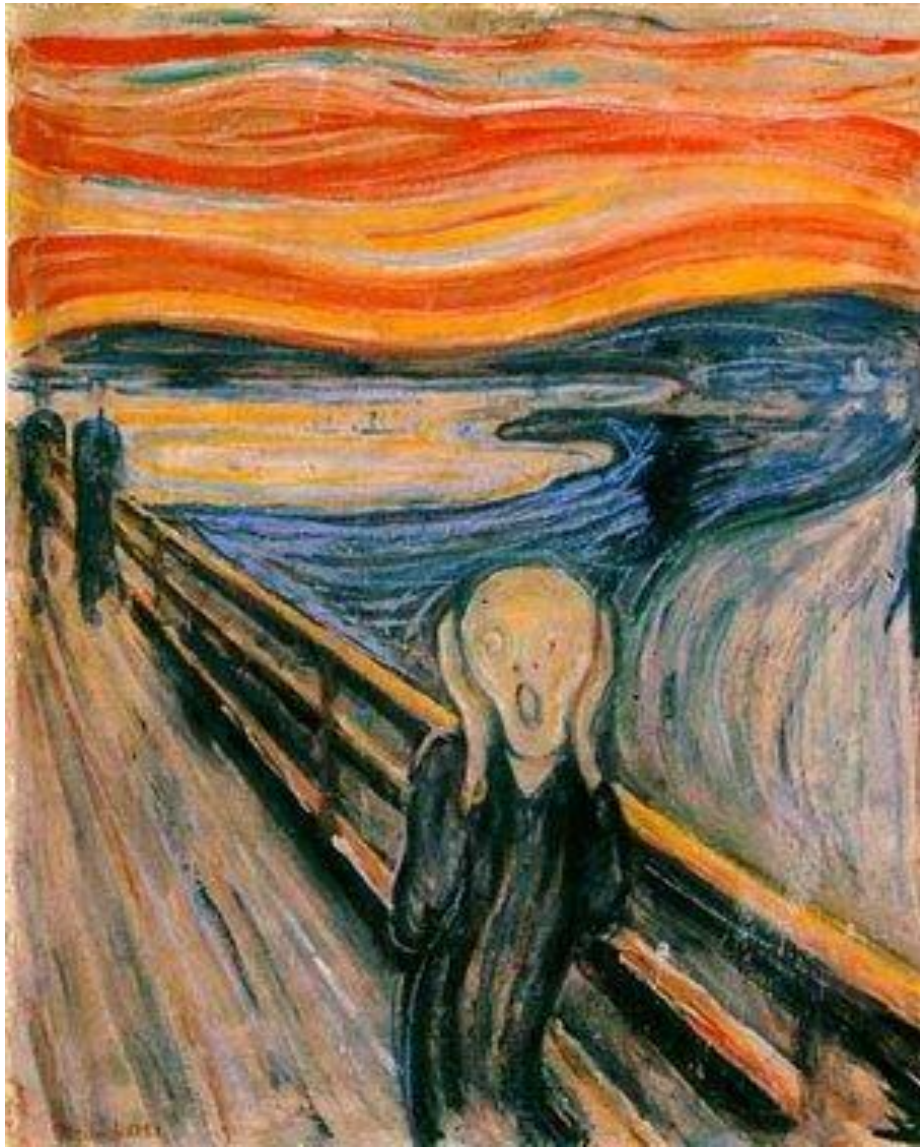
A experiência numinosa de tradução artística que iremos destacar refere-se ao quadro “O grito” de 1893 do pintor norueguês Edvard Munch, sobre esta obra, o pintor relatou em seu diário a seguinte passagem:

“Passeava com dois amigos ao pôr-do-sol – o céu ficou de súbito vermelho-sangue – eu parei, exausto, e inclinei-me sobre a mureta – havia sangue e línguas de fogo sobre o azul escuro do fjord e sobre a cidade – os meus amigos continuaram, mas eu fiquei ali a tremer de ansiedade – e senti o grito infinito da Natureza.” (SARKIS, 2008, p.50 apud TOJNER, 2004, p. 96).

Tal colocação e tal obra nos são bastante úteis para entendermos o evento o qual nos cabe explorar: a vivência numinosa. Primeiramente, a passagem acima transcrita nos deixa claro uma característica marcante de tal experiência, o fato de ser ela algo inusitado que, por algum motivo inconsciente, toca uma determinada pessoa e não toca outras, como revela a passagem *“os meus amigos continuaram, mas eu fiquei ali a tremer de ansiedade”*.

Outro aspecto claramente presente na passagem acima é a grandiosidade da tomada numinosa, expressa na passagem *“e senti o grito infinito da Natureza.”*. A partir destas colocações que muito nos ajudam a entender o momento vivencial de Munch, exploraremos brevemente a obra em questão.

Eis a obra manifesta (na página a seguir):



O Grito [Skrik] – Edvard Munch, 1893. Óleo, têmpera e pastel em cartão. 91 x 73,5. Galeria Nacional, Oslo.

Importante ressaltar que esta obra configura-se dentro do período artístico classificado como Expressionismo, que é um movimento do final do século XIX que visa reportar o mundo a partir da subjetividade do artista assim, o que se expressa não é o mundo exterior visível a olho nu e sim, a maneira como esse mundo exterior é interiorizado e subjetivado pela artista. É, portanto, um movimento que em oposição a objetividade da imagem valoriza a subjetividade da expressão artística. Deste modo, pensando nas palavras de Munch sobre esta obra e no movimento a que ela esta inserida, é possível entendermos esta obra como a tradução de uma vivência numinosa. Cabe, no entanto, destacar que nem toda manifestação artística e que nem toda obra

expressionista é resultado de uma experiência numinosa que, como já foi dito, é um evento que o causa uma ruptura brusca e momentânea da vida cotidiana.

Pensando agora numa vivência numinosa manifesta através do sagrado, utilizaremos como exemplo o momento bíblico da conversão de São Paulo:

“(...) Ora, aconteceu que, indo eu já de caminho, e chegando perto de Damasco, quase ao meio-dia, de repente me rodeou uma grande luz do céu.

E caí por terra, e ouvi uma voz que me dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues?

E eu respondi: Quem és, Senhor? E disse-me: Eu sou Jesus Nazareno, a quem tu persegues.

E os que estavam comigo viram, em verdade, a luz, e se atemorizaram muito, mas não ouviram a voz daquele que falava comigo.

Então disse eu: Senhor, que farei? E o Senhor disse-me: Levanta-te, e vai a Damasco, e ali se te dirá tudo o que te é ordenado fazer.

E, como eu não via, por causa do esplendor daquela luz, fui levado pela mão dos que estavam comigo, e cheguei a Damasco.

E um certo Ananias, homem piedoso conforme a lei, que tinha bom testemunho de todos os judeus que ali moravam,

Vindo ter comigo, e apresentando-se, disse-me: Saulo, irmão, recobra a vista. E naquela mesma hora o vi.

E ele disse: O Deus de nossos pais de antemão te designou para que conheças a sua vontade, e vejas aquele Justo e ouças a voz da sua boca.

Porque hás de ser sua testemunha para com todos os homens do que tens visto e ouvido.

E agora por que te deténs? Levanta-te, e batiza-te, e lava os teus pecados, invocando o nome do Senhor.

E aconteceu que, tornando eu para Jerusalém, quando orava no templo, fui arrebatado para fora de mim.” (Bíblia, Atos 22:6-17).

Neste trecho, assim como a passagem relatada por Munch, é possível percebermos, na fala de Paulo, o momento da tomada numinosa em seu percurso e mais uma vez, aqui fica claro que esse contato é individual, ou seja, toca e transforma uma pessoa e não necessariamente as outras que estão a sua volta, como é percebido na

passagem “*E os que estavam comigo viram, em verdade, a luz, e se atemorizaram muito, mas não ouviram a voz daquele que falava comigo.*”.

Outro aspecto explorado no exemplo anterior e que aqui também se faz presente é amplitude dos eventos, que pode ser tudo, que despertam essa transformação, esse assalto emocionado, como nos revela a passagem: “*Ora, aconteceu que, indo eu já de caminho, e chegando perto de Damasco, quase ao meio-dia, de repente me rodeou uma grande luz do céu.*”.

Desta maneira, Jung entende que o evento numinoso, é algo transformador, que toca o íntimo de quem experiencia este contato, obrigando o indivíduo a uma entrega a qual ele não pode controlar, apenas traduzi-la e manifestá-la de inúmeras maneiras.

A ambiguidade das instituições religiosas – Alienação e Estruturação

Pensando na religiosidade como fruto de um “acaso emocionado”, podemos dizer que nas instituições religiosas, a relação entre o homem e o sagrado, na maioria das vezes, não parte de uma experiência numinosa e sim de uma busca incessante das casas de religiões de despertar esse efeito transformador em seus fiéis. Neste caso, busca-se um contato numinoso a partir de uma evocação exterior e não de uma vivência interior, o que contradiz o real significado do termo numinoso utilizado por Jung. Assim, podemos pensar que embora possam buscar essa evocação as casas de religiões não detêm o poder de despertar tal efeito no coletivo.

Talvez, a única possibilidade de evocação numinosa despertada pela instituição religiosa, seja fruto de um “acaso”, ou seja, surja de alguma relação interior entre o ser humano e um dos símbolos do sagrado que, por alguma relação particular com aspectos inconscientes, desperta no indivíduo esse sentimento.

É interessante notar porém, que os rituais e dogmas sagrados perpetuam-se com força grandiosa há séculos e, numinosamente ou não, tem atraído ao longo dos tempos muitos adeptos e seguidores.

Pensando que a evocação numinosa por meio das instituições religiosas como sendo fruto de um “acaso” e que portanto, pode ser visto como algo que configura entre as exceções, como explicar o número crescente de igrejas e fieis na realidade brasileira? Dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia Estatística), nos mostram que o crescimento das instituições religiosas ainda é bastante significativo no país:

“Embora o crescimento percentual das entidades do grupo ‘Religião’ (18,9%) tenha sido menor do que a média nacional [de crescimento das Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos (Fasfil)] (22,6%), em números absolutos elas estão entre as que mais cresceram. No período de 2002 a 2005, foram criadas 13,3 mil entidades que se dedicam a atividades confessionais.”(IBGE, 2008)

Jung (2000) entende que o homem Ocidental julgava ter consciência autêntica de seus atos, porém diante dos acontecimentos dos tempos, guerras, bombas, etc. percebeu-se incapaz de controlar seus desejos agressivos e diante disto, carrega em si um grande sentimento de desamparo. O homem Ocidental, diante desse desamparo que de certa maneira o coloca em contato direto com sua sombra, ou seja com seus aspectos inconscientes negados, busca, muitas vezes, se vincular a algo que simbolicamente o permita enxergar um sentido em sua vida. Sobre este aspecto, Jung (2000) nos esclarece que:

“(…) A pessoa consegue suportar dificuldades inacreditáveis quando está convencida do significado delas, e se sente derrotada quando tem de admitir que além de sua má sorte, aquilo que faz não tem sentido algum.

É finalidade e aspiração dos símbolos religiosos dar sentido à vida humana. (...) Se Paulo estivesse convencido de que não era mais que um fabricante itinerante de tapetes, não teria sido ele mesmo. O que deu realidade e sentido à sua vida foi a certeza de que era mensageiro de Deus. (...) O mito que se apoderou dele fez de Paulo alguém maior do que um simples artesão.”(2000, p. 248, §566-567).

Esta passagem nos coloca em contato com a possibilidade da instituição religiosa adquirir a função de dar significado à vida de seus seguidores, portanto de ampará-los na angústia do viver e na dúvida do “para que se vive?”. A partir disso, podemos pensar que as instituições religiosas muitas vezes adquirem uma função social de amparar e significar a vivência de seus seguidores. Essas instituições também não

raras vezes, colocam seus “fiéis” em posição de importância no mundo, assim estes acabam por assimilar a função de pertencimento vital a algo, a este todo, peça maior, a que ele sente-se pertencer. Não é a toa que para validar esta sensação de pertencimento, a maioria das instituições religiosas atribuem a seus fiéis missões a serem cumpridas no tempo de vida aqui na terra essa relação religiosa, no entanto pode resultar em uma relação de submissão do homem aos valores institucionais mostrando-nos um aspecto negativo dessa vinculação.

Desta maneira, essas instituições ao mesmo tempo em que amparam seus devotos e os colocam em posição de importância vital, muitas vezes desenvolvem e estimulam nos mesmos o sentimento de inferioridade e de dependência, pois ao serem “meros mortais” são menos validos do que a instituição, as crenças, os valores e dogmas da mesma, além de possuírem a obrigação de “prestar contas” ao soberano da casa. Deste modo, as instituições religiosas podem adquirir o papel de alienadoras por conduzir o pensar das pessoas que se entregam a elas, limitando assim a possibilidade de ser e de existir desses seguidores alienados, ou seja, desses seguidores que “entregam” suas vidas à condução do outro. É importante ressaltar que essa entrega na maioria das vezes é inconsciente.

Posto isso, seguiremos em nosso trabalho pensando um pouco mais sobre essa busca religiosa que coloca o homem na ambiguidade, às vezes consciente e às vezes inconsciente, de encontrar ao mesmo tempo nessas instituições o sentimento de amparo ao próprio viver e de entrega alienante/perda da própria vida. Juntamente ao desenvolvimento dessa busca religiosa, pensaremos na maneira como isso tudo influencia o processo de individuação.

Capítulo 2 – A BUSCA RELIGIOSA E O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

João e Maria
Chico Buarque e Sivuca\1977

*Agora eu era o herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cowboy
Era você além das outras três
Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava o rock para as matinês*

*Agora eu era o rei
Era o bedel e era também juiz
E pela minha lei
A gente era obrigado a ser feliz
E você era a princesa que eu fiz
coroar
E era tão linda de se admirar
Que andava nua pelo meu país*

*Não, não fuja não
Finja que agora eu era o seu
brinquedo
Eu era o seu pião
O seu bicho preferido
Vem, me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade acho que a
gente nem tinha nascido*

*Agora era fatal
Que o faz-de-conta terminasse assim
Pra lá deste quintal
Era uma noite que não tem mais fim
Pois você sumiu no mundo sem me
avisar
E agora eu era um louco a perguntar
O que é que a vida vai fazer de mim?*

“Quem sou eu?”, eis o grande mistério da nossa existência. Esta indagação, aparentemente singela e de poucas palavras, revela o dilema secular humano e filosófico de termos que conviver com a complexidade do viver e, além disso, de buscarmos existir como quem somos, ou seja, de encontrarmos nossa identidade.

Neste capítulo trataremos da influência da religiosidade no processo de individuação. Para isto, esclareceremos primeiramente como se dá este processo de tentativa de apropriação do indivíduo de si mesmo, e em seguida, entenderemos o papel da religiosidade neste contexto, focando na percepção de que a religião pode atuar de maneiras antagônicas, uma vez que pode ser parte edificadora da constituição do indivíduo enquanto ele mesmo, ao mesmo tempo em que, contrário a isto, pode aliená-lo da angústia de viver a dúvida de não saber se definir, tirando-o, portanto, da possibilidade de existir enquanto ele mesmo.

Para entendermos o processo de individuação, vamos definir separadamente o conceito de Ego e Self, porém temos que ter claro que o Ego pertence ao Self e que “*o Si-mesmo [Self] nasce, mas o ego é construído*” (EDINGER, 1972, p.27).

O Self configura-se como a totalidade ordenadora e unificadora da psique, portanto, é formado por conteúdos conscientes e inconscientes. O Ego, por sua vez, é o centro da nossa personalidade consciente, é ele que ao longo da nossa existência vai sendo “trabalhado” rumo à individuação, ou seja, rumo ao nosso encontro com nós mesmos. Sobre o Ego e o Self Edward F. Edinger (1972) nos diz: “*o ego é a sede da identidade ‘subjéitiva’, ao passo que o Si-mesmo é a sede da identidade ‘objéitiva’*”. (p. 22).

O processo de constituição do Ego ocorre a todo o momento e ao longo de toda vida porém, dependendo do estágio de desenvolvimento em que cada um se encontra, a relação entre o Ego e o Self se dá de diferentes maneiras (STEIN, 2006). Para ilustrar esta relação constituinte da psique humana, trouxemos como epígrafe a música “João e Maria” de Chico Buarque e Sivuca que, como toda expressão artística, traz elementos da psique coletiva que nos ajudam a entender os mecanismos que envolvem a relação Ego-Self.

Jung entende que em nosso estado original o Ego está totalmente identificado com o Self e que nesta identificação total, o Ego acaba por perceber-se como divindade

(EDINGER, 1972), uma vez que, no início da vida o limite entre o “Eu” e o mundo exterior ainda não está definido e, nesta condição de existência, acreditamos que somos a união entre nossos corpos e o todo que nos rodeia, assim, percebemo-nos como totalidade, e a isto, arquetipicamente, relacionamos com as divindades. Este momento em que o Ego apresenta-se oceanicamente ao Self e percebe-se como divindade é vivido pelo indivíduo como um momento grandioso e harmônico, assim:

“Muitos mitos descrevem o estado original do homem como um estado de harmonia, unidade, perfeição ou vida paradisíaca. (...)”

Na idade paradisíaca, as pessoas estão em comunhão com os deuses. Isto representa o estado do ego que ainda não nasceu (...) e que, por conseguinte, ainda partilha da plenitude e da totalidade divinas” (EDINGER, 1972, p. 27-28).

Voltando à epígrafe, percebemos nas duas primeiras estrofes da música um sentimento de plenitude, em que o eu-lírico, sob a roupagem ora de herói, ora de rei é possuidor de um poder de perfeição, de uma vida plena e harmônica. Esta vida divinizada que dá ao eu-lírico o poder de criador, começa a se inverter na terceira estrofe e é totalmente modificado na quarta estrofe. Analiticamente, podemos entender os momentos das duas últimas estrofes como o processo em que o Ego começa a se separar do Self e a constituir-se enquanto ele mesmo, é, portanto, um momento de ruptura da inflação demasiada do Ego no Self e de aproximação do indivíduo à sua existência.

Ainda pensando na epígrafe e relacionando com o movimento do Ego ao longo da vida, podemos dizer que o momento em que o ego encontra-se inflacionado no Self, ou seja, o momento *“no qual algo pequeno (o ego) atribui a si qualidades de algo mais amplo (o Si-mesmo) e, portanto, está além das próprias medidas.”* (EDINGER, 1972, p.27), pode ser representado pelas passagens da primeira e segunda estrofe em que o eu-lírico diz *“eu enfrentava os batalhões / os alemães e seus canhões”* e *“e pela minha lei / a gente era obrigado a ser feliz”*. Aqui o indivíduo que vivencia a inflação demonstra possuir um poder grandioso, um poder que o torna capaz de, pelo menos imaginariamente, enfrentar batalhões e canhões e, também, de criar suas próprias leis.

Mais adiante, percebemos que a realidade egóica do eu-lírico começa a se inverter e aos poucos ele vai perdendo seu poder de força soberana que anteriormente

acreditava possuir, assim, na terceira estrofe, nas passagens “*Não, não fuja não / Finja que agora eu era o seu brinquedo*” e “*Vem, me dê a mão / A gente agora já não tinha medo / No tempo da maldade acho que gente nem tinha nascido*” fica claro que o eu-lírico esta se fragilizando, começa, de certo modo, a temer a perda do receptor da mensagem e, além disso, passa a substituir sua fala exata e firme das estrofes anteriores por uma fala um pouco menos segura, e se antes ele era a presença marcante e voz única da melodia, agora ele começa a dividir o cenário com uma segunda pessoa assim, se antes predominava a primeira pessoa do singular “*eu era o herói*”, “*meu cavalo*”, aqui, podemos pensar em, pelo menos, uma segunda pessoa “*a gente agora já não tinha medo*”, ou seja, o “Eu” divinizado vive um processo de tornar-se mortal e começa a ser ele mesmo, conseqüentemente, a fala exata que possuía passa a “cambalear” ou seja, passa a ser passível de dúvida “*No tempo da maldade acho que a gente nem tinha nascido*”.

Por fim, na quarta e última estrofe da canção, há sinais de um Ego mais independente, o eu-lírico aqui esta sendo individuado, a certeza que antes, quando não era autêntico, possuía já não existe mais e quem ganha espaço é a dúvida e a angústia de ter que ser ele mesmo e de não se saber quem é. O compositor da música abre a estrofe mostrando que o momento inflacionado do Ego cessou e que a vida de “faz-de-conta”, a vida de se viver algo maior do que se é acabou, assim, nos diz “*Agora era fatal / Que o faz-de-conta terminasse assim*” e a passagem que segue revela o quanto pode ser angustiante e desestruturante este momento em que tudo pode parecer ser uma eterna escuridão “*Pra lá deste quintal / Era um noite que não tem mais fim*” e, finalmente finda a melodia mostrando que de repente, ao ter que ser alguém “sozinho”, ou seja, por conta própria, sem mais poder se infiltrar por inteiro na roupagem do Self, o indivíduo vivencia uma enorme dúvida e um sentimento de desestabilização e desamparo, assim conclui “*Pois você sumiu no mundo sem me avisar / e agora eu era um louco a perguntar / O que é que a vida vai fazer de mim?*”.

Deste modo, fica nítido na exemplificação da melodia que:

“Os encontros com a realidade frustram as expectativas infladas e provocam um estranhamento entre o ego e o Si-mesmo. Esse estranhamento é simbolizado por imagens como queda, exílio, ferida sem cura, tortura perpétua,” (EDINGER, 1972, p.65).

É um momento de amadurecimento do Ego, um momento em que o indivíduo passa a se deparar frente a frente consigo mesmo. É importante destacar, no entanto, que a estruturação da personalidade não é linear. A consolidação da personalidade é cíclica, ocorrem períodos na vida do indivíduo que o faz perceber o Ego ora como mais independente, ora mais mergulhado no Self. Esta estruturação cíclica repetitiva em que o Ego oscila, aos poucos vai sendo superada e vai dando espaço para *“um diálogo mais ou menos consciente entre o ego e o Si-mesmo.”* (EDINGER, 1972, p. 72).

Em meio a isso tudo, a conexão Ego-Self pode ser rompida ou danificada tornando o ego alienado. Quando a alienação ocorre, o Ego perde a noção de sua origem. É certo que uma desvinculação entre o Ego e o Self é benéfica e fundamental para a estruturação do ser enquanto ele mesmo, porém, quando esta desvinculação é total ela é danosa e acomete vários riscos a saúde psíquica do indivíduo, uma vez que, toda a nossa estrutura psíquica está alicerçada no Self. (STEIN, 2006).

Ao longo da vida vivenciamos vários momentos de fragilidade psíquica, momentos estes em que, em função de uma rejeição ou de um rompimento brusco, por exemplo, nossa saúde psíquica se mostra *“ameaçada”*. Esta ameaça, por sua vez, faz parte do desenvolvimento humano posto que crescer, já é por si só, um momento conturbado de perdas e ganhos.

Crescer e se desenvolver como indivíduo é um processo psíquico bastante complexo. Deste modo, quando chegamos a vivenciar momentos próprios do processo de individuação, em que nos deparamos com a complexidade da vida e com a angústia da nossa busca por uma imagem autêntica no espelho, não raro, caímos e percebemos-nos incapazes de nos sustentar por nossos próprios meios. Frente a isto, as sociedades humanas encontraram, nas imagens emanadas do Inconsciente Coletivo, o arquétipo da totalidade que, ao ser traduzido em imagens arquetípicas de deuses, oferece tanto explicações à vida, como nos faz acreditar que podemos ser nós mesmos e ainda assim, sentir amparo e apoio. Os mitos e as crenças humanas presentes no Inconsciente Coletivo, colaboram para que possamos perpetuarmos-nos como espécie. De uma maneira bastante esclarecedora, a citação a seguir, revela-nos esta realidade:

“A história e a antropologia nos ensinam que a sociedade humana não pode sobreviver por muito tempo, a menos que seus membros estejam psicologicamente contidos num mito central vivo.

Esse mito proporciona ao indivíduo uma razão de ser. Às questões últimas acerca da existência humana, ele fornece respostas que satisfazem aos membros mais desenvolvidos e perspicazes da sociedade. E quando a minoria criativa e intelectual está em harmonia com o mito predominante, as outras camadas da sociedade seguem sua liderança, chegando mesmo a poupar-se de um confronto direto com a questão fatídica do sentido da vida.” (EDINGER, 1984, p.9.)

Assim, diante da possibilidade de ruptura da relação Ego-Self e de alienação do Ego, não raro surge na consciência a imagem arquetípica de deus representada de várias maneiras, que através de um movimento de compensação, age como um suporte que pode colaborar para a manutenção e sustentação da estrutura psíquica. Deste modo, frente a possível desagregação do ego, a imagem de deus, ou seja, da totalidade, às vezes surge em um movimento oposto de re-estruturação.

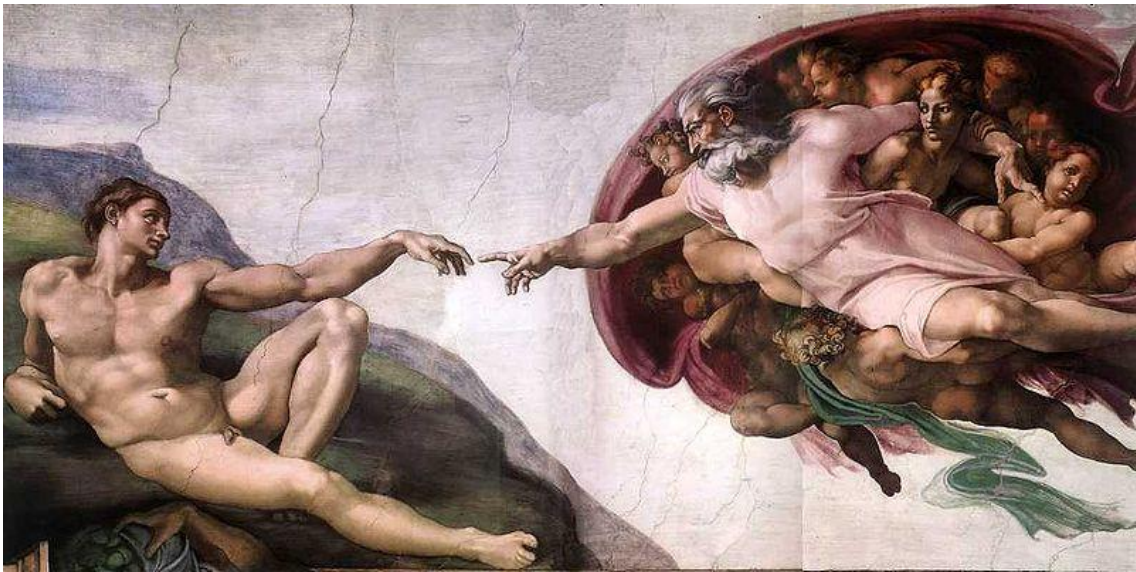
Porém, a ocorrência de um apego demasiado e desmedido a essa imagem arquetípica pode, por sua vez, levar o indivíduo a uma “regressão” de seu momento egóico, pois o mesmo pode inconscientemente fixar-se cegamente na imagem arquetípica da totalidade e não mais perceber-se como exterior a ela, regredindo à vivência do período inicial da infância. Deste modo, este indivíduo pode passar a adorar tal imagem (ideia, crença, dogma, etc.) a ponto de perder a noção da separação entre ele e o mundo exterior, mergulhando assim, em uma existência pautada exclusivamente no outro grandioso, que acaba por anulá-lo, ou seja, por aliená-lo.

Assim, podemos concluir este capítulo destacando que tanto os seres humanos, como a humanidade, necessitam apoiar-se em mitos e crenças para poderem se sustentar. Este mergulho, pode ser saudável, quando age em um movimento de compensação, ou pode ser danoso, quando cega o indivíduo de si, e o torna incapaz de se constituir como ele mesmo.

A aproximação entre a busca religiosa e o processo de individuação aponta para mecanismos que muitas vezes estão diretamente relacionados: ao mesmo tempo em que o ser humano busca encontrar-se como ele mesmo na individuação, na religiosidade ele encontra um espaço de significação da totalidade da vida, significação esta que pode ser autêntica ou inautêntica, mas que na maioria das vezes é capaz de confortá-lo e ampará-lo.

No capítulo a seguir, prosseguiremos desenvolvendo mais a fundo essas duas possibilidades apresentadas da relação entre a religião e o processo de individuação na constituição do indivíduo.

**Capítulo 3 – A RELIGIÃO COMO PROPICIADORA DE
AJUDA E COMO ALIENDORA NA BUSCA PELO
SIGNIFICADO / SENTIDO DA VIDA**



Michelangelo – *A criação de Adão* – Capela Sistina

Neste capítulo, aprofundaremos a discussão sobre o papel da religião e das instituições religiosas na estruturação psíquica do indivíduo. Como dissemos anteriormente, diferentemente da religiosidade, a religião, transmitida através das crenças e dos dogmas pelas instituições religiosas, pode desempenhar um duplo papel nessa estruturação do indivíduo, pois, pode atuar como alienante e/ou como estruturante do ser.

É importante ressaltar que um viés da influência da religião no indivíduo não exclui necessariamente o outro. O fato de ser estruturante em determinado momento não tira a possibilidade de em um segundo momento, ou concomitantemente, a religião se tornar alienante para um mesmo indivíduo.

Deste modo, este capítulo visa explorar essas duas possibilidades de assimilação religiosa que pode conviver ou não em uma mesma pessoa. Para isto, além da obra de Jung, e embora este trabalho tenha como base os fundamentos da Psicologia Analítica, nos basearemos na obra de Freud no que se refere à religião.

É sabido por nós, que Freud e Jung, em certo momento divergiram em suas teorias o que acabou por gerar um rompimento da relação entre os dois em 1913, porém, dada a importância do pensamento desses dois autores no que se refere ao tema em questão, utilizaremos a obra de ambos para aprofundar e enriquecer nossos estudos.

Além desses dois grandes autores, a epígrafe por nós apresentada, “*A criação de Adão*” de Michelangelo, nos auxiliará nos dois subitens que formarão este capítulo, são eles:

- A religião como proporcionadora de ajuda na busca pelo significado / sentido da vida;
- A religião como alienante do ser.

A religião como proporcionadora de ajuda na busca pelo significado / sentido da vida.

Como dissemos no capítulo anterior, o desenvolvimento humano, juntamente com a constituição do indivíduo enquanto ele mesmo, é um momento bastante

complexo e instável de nossas vidas e neste contexto a religião, utilizando da religiosidade humana, pode aparecer como um elemento de apoio a estruturação do ser.

A religião, diferentemente da religiosidade, é uma entidade exterior a psique que visa sensibilizar o homem e colocá-lo em acordo com certos padrões e regras vigentes em uma determinada instituição religiosa. Deste modo, perante a consolidação do homem enquanto ele mesmo, a religião, pode agir como estruturante ao colocar esse homem em contato com alguns fatores que o auxiliem, o ampare em seu processo de busca interior.

A crença religiosa muitas vezes colabora para o desenvolvimento da identidade individual de cada um pois, ao se sentir pertencendo a algo maior, no caso a instituição religiosa, o ser humano, muitas vezes, se apegua a esse sentimento de pertencimento e se percebe mais forte para se saber quem é, pois, ao dar ao homem uma identidade, uma roupagem a qual ele pode se sentir sólido o suficiente para buscar sua autenticidade, a religião colabora para que o processo de estruturação psíquica seja menos desestabilizante ao homem.

Além disso, a religião muitas vezes configura-se como um lugar de acolhimento, uma vez que, mais do que facilitar na percepção da identidade humana, oferece a seus fieis um sentimento de pertencimento a algo maior e de peso. Esta sensação de pertencimento e acolhimento que as religiões muitas vezes causam no indivíduo, pode auxiliá-lo a viver de uma maneira menos traumática o desamparo que não raramente sentimos quando nos afastamos da entrega quase que por inteiro ao Self.

Jung (1985), percebe a religião como um sistema terapêutico que assim como o médico é capaz de atuar como agente de cura. Deste modo nos revela que a partir do momento em que as instituições religiosas oferecem acolhimento a seus seguidores elas possuem uma atuação terapêutica no sentido de estar junto do indivíduo e de sustentá-lo em momentos psiquicamente instáveis de suas vidas.

Não à toa, a criação do homem em “*A criação de Adão*” revela a existência de um ser humano (Adão) sendo formado a imagem e semelhança de Deus, ou seja, um mortal surge com características semelhantes ao divino o que lhe confere uma essência grandiosa, próxima à totalidade. Essa representação do homem quase que divino e do divino quase que humano marca simbolicamente a possibilidade estruturante da

religião, pois ao ser criado pelas mãos de Deus e ao atuar no reino observado e construído por Deus, o homem, embora carregue o

peso de uma dívida eterna de submissão ao divino, pode sentir-se mais forte, mais poderoso, e, principalmente, mais importante e fundamental ao mundo encarando de maneira mais estruturada a instabilidade e a fragilidade da própria vida, afinal é o escolhido por Deus para ser alguém a sua imagem e semelhança. Neste cenário, o homem se vê amparado, uma vez que encontra no outro divino a possibilidade de uma ampliação da sua consciência, ou seja, a possibilidade, de um dia poder ser si mesmo.

Assim, pensando na religião como estruturante do ser, destacamos a identidade e o sentimento de acolhimento e pertencimento como alguns dos elementos essenciais e tranquilizantes da constituição do indivíduo no processo de individuação.

A religião como alienante do ser

Neste subitem refletiremos a respeito de um outro aspecto das instituições religiosas, a capacidade de alienar seus fiéis, ou seja, de tirar cada indivíduo do domínio de si. A religião enquanto um elemento social alienante dificulta o contato do homem consigo mesmo, corrompendo a autonomia de cada um, portanto, a liberdade de cada um ser e se constituir enquanto si próprio no mundo.

Freud (1997) nos diz que a religião surge como um movimento psíquico de consolo ao desamparo que o homem sente frente a percepção de que é pequeno e altamente vulnerável a natureza, é frágil e incapaz frente aos fenômenos naturais. Neste cenário para conseguir superar psiquicamente essa realidade, a religião é construída e aparece como uma grande ilusão, que colabora para que o homem pense que é capaz de superar a frustração de ser impotente frente a natureza. A ilusão religiosa para Freud é fruto dos desejos humanos de encontrar algo ou alguém para se apoiar diante da angústia de se viver, seria, portanto, um antídoto aos males da existência. Neste sentido, Freud relaciona essa necessidade à função paterna, pois a religião acaba por atuar como um lugar de estabelecimentos de interditos e de ordem. Sobre isso Freud nos revela que a humanidade se encontra em um estágio infantil do desenvolvimento uma vez que

ilusionar nesse “pai religioso”, propagador dos sentimentos de amor e medo, a possibilidade de sustento psíquico dos homens.

Diante desta relação com a religião, o ser humano ao buscar ser alguém que a todo o momento tem que provar à instituição religiosa que é inferior a ela, a ponto de entregar sua

vida a ela, pode aos poucos perder a noção de si fixando rigidamente às estruturas da religião que passa a seguir. Deste modo, ao encontrar alguém cujo Ego esteja enrijecido, ou seja, que esteja em um momento da vida em que se busca de toda maneira evitar o contato com sentimentos dolorosos e reprimidos, a religião de certa maneira acaba por invadir este momento egóico, uma vez que diante da rigidez do ego, pode atuar como moralizante e ordenadora da maneira de pensar deste indivíduo, o afastando de seu momento angustiado, ou seja, evitando de fato que este indivíduo entre em contato com os sentimentos dolorosos que ele busca omitir, gerando desta forma um outro tipo de sofrimento, um sofrimento reprimido. Sobre isso, Pereira (2003) nos diz:

“Na prática comum da religiosidade tem-se constatado que o interesse é voltado, e até estimulado, ao alívio das tensões entre fé e razão; isso tem produzido uma fé leviana e inconsequente. São aceitos os ‘frutos da fé’ sem qualquer avaliação ou questionamento. Além da levandade e tal conceito, ainda há o risco de interpretações esdrúxulas e distorcidas, levando os adeptos à ignorância e alienação. Nesse sentido, as tensões são destrutivas; pois o senso comum e lógico aponta realidades incontestáveis, e isso gera conflitos internos.”(p.29)

É importante destacar que a rigidez é uma postura que é contra a transformação, portanto é capaz de afastar o indivíduo de si mesmo e de não permitir que ele possua um desenvolvimento natural da psique, que é transformador. Assim, muitas vezes a religião surge como um polo oposto do encontro do indivíduo consigo mesmo.

Ao atribuir ao indivíduo características que não são dele e fazê-lo acreditar que são, a religião estabelece ainda a relação de culpa em seus seguidores, assim, caso seus fiéis comecem a se perceber como alguém exterior a instituição religiosa, por meio da culpa essas instituições dificultam esta separação, pois a culpa, diante de um ego rígido, por exemplo, é forte o suficiente para fazer com que o indivíduo não transite pelos próprios caminhos de sua vida.

Como alienante, podemos fazer uma outra interpretação de “*A criação de Adão*”, para isso, ampliaremos nossa interpretação da obra levando em consideração o contexto mítico-histórico que ela representa. Adão juntamente de Eva comete o pecado original e acabam punindo os homens com, dentre outras coisas, o sentimento de culpa que os adeptos a tal religião carregam simplesmente pelo fato de existir. Esta culpa original não raro estabelece no devoto um sentimento de conformismo diante das mazelas de sua vida e de dívida eterna.

Assim, os rituais, o conformismo, a doação às cegas, e o sentimento de inferioridade instaurada por estas instituições a seus fieis devotos, os tiram da possibilidade de viver autenticamente suas vidas, pois os mesmos estão sempre em dívida com a eternidade.

Deste modo, como alienante a religião acaba por possuir um papel negativo, pois embora ela possa servir como um espaço edificante e de amparo para alguns, ela é alienante quando tira o indivíduo da noção de si e não o “devolve” a si mesmo.

Percebemos então que a religiosidade é algo inerente ao homem e que a religião é externa e construída pelo homem ao longo da história. Na relação entre o homem e a sociedade, a religião pode agir de maneira positiva ao estimulá-lo a um desenvolvimento da identidade, e pode também ser negativa, pois é capaz de tirá-lo de si por toda a vida.

Capítulo 4 – DISCUSSÃO E ANÁLISE DO FILME

“O NOME DA ROSA”

Neste capítulo, realizaremos uma discussão a partir da análise do filme “O nome da Rosa”, de Jean-Jacques Annaud. Relacionaremos os aspectos estudados nos capítulos anteriores, como: influência da religiosidade no processo de individuação, a religião como estruturante do ser e a religião como alienante com a obra acima referida. Além disso, abriremos um subitem que aborda questões do mundo de hoje e que se relaciona com a problemática tratada neste trabalho. Deste modo, este capítulo será composto de dois subitens, são eles:

- Sinopse do filme “O nome da Rosa”;
- Discussão e análise da obra;

Sinopse de filme “The name of the Rose” (O nome da Rosa)

Baseado no livro homônimo de Umberto Eco, o filme “O Nome da Rosa” dirigido por Jean-Jacques Annaud no ano de 1986, se passa na Idade Média, em 1327, portanto, refere-se a um período em que nas sociedades Ocidentais a igreja Católica era detentora do poder político, econômico e social. Sendo, a existência humana fortemente pautada nos ideais dessa instituição. Segue abaixo o resumo da referida obra.

Em mosteiro, da ordem dominicana, localizado no norte da Itália, assassinatos misteriosos começaram a acontecer tendo sido associado ao demônio a autoria de tais crimes. Podemos perceber aqui que as explicações dos acontecimentos mundanos eram pautadas nos princípios da igreja, o que nos leva a crer que estas explicações era uma forma de controle social, pois colocava o homem na posição de submissão à deus ou ao diabo.

Chega a este mosteiro um monge da ordem franciscana, William de Baskerville (Sean Connery) acompanhado de um noviço, Adso von Melkm (Christian Slater).

William vai ao mosteiro para participar de um conclave em que seria decidido se a igreja Católica deveria ou não doar parte de suas riquezas. Porém, o foco da sua atenção é desviada para os assassinatos que vinham acontecendo. William não aceita a versão de que os acontecimentos eram obras do diabo e encontra na razão, uma possível causa para tais assassinatos, passando a investigar o caso. Em sua investigação descobre que as mortes estavam relacionadas à leitura de um livro proibido, que por ser proibido havia sido envenenado pelo monge responsável pela biblioteca. Cabe destacar que a biblioteca era um local restrito, apenas poucos monges tinham acesso, lá haviam livros raros e condenados pelo Index, lista de livros proibidos aos católicos.

Durante suas investigações, a Santa Inquisição é chamada e o inquisitor Bernardo Gui (F. Murray Abraham), atribui ao diabo tais acontecimentos e condena a fogueira três pessoas acusadas de heresia por supostamente terem estabelecido contato com o diabo: dois monges e uma mulher, considerada bruxa.

William e seu noviço, em meio a suas investigações, conseguem chegar ao livro proibido, trata-se do segundo livro da “Poética” de Aristóteles. Porém, isso não impede a Santa Inquisição de queimar na fogueira os dois monges acusados de heresia. Na hora de queimar a mulher, tida como bruxa, um grande incêndio ocorre na biblioteca, todos correm, muitos livros são perdidos, Guilherme consegue salvar apenas alguns. Em meio ao caos que o monastério mergulha, os representantes da Santa Inquisição fogem, porém, a carruagem em que estavam acaba caindo em um precipício, e o inquisitor Bernardo Gui morre ao cair em cima de algumas lanças e ser perfurado por elas. Por fim, Guilherme e seu noviço vão embora do mosteiro.

Discussão e Análise da Obra

Primeiramente é importante esclarecer que embora a obra utilizada seja representativa de uma instituição religiosa específica, no caso a igreja Católica, este trabalho visa entender a influência das variadas instituições religiosas na constituição do indivíduo. Deste modo, o destaque para a instituição Católica por meio do filme serve apenas como exemplo para o que estamos desenvolvendo. Posto isso, iniciaremos a análise da obra juntamente com a discussão do que vem sendo explorado neste trabalho.

Como dissemos anteriormente o processo de individuação é um movimento dinâmico que acontece ao longo de toda vida. Este processo coloca o indivíduo frente a frente com a busca, às vezes angustiante, de ser ele mesmo, de se descobrir como indivíduo. No filme podemos perceber claramente este movimento na vivência do noviço Adso, quando ele se entrega aos “pecados” de uma relação sexual. É um momento de dúvida, de busca de um encontro com si mesmo. A paixão terrena *versus* a religiosa é um retrato desse momento em que tudo pode ser uma possibilidade de existência, tornando, por vezes, essa busca por si mesmo angustiante. Neste momento o apego ao sagrado, a algo maior a que pertencer, pode ser estruturante por oferecer ao indivíduo um amparo ao estar junto nas mudanças desconhecidas da vida.

Em oposição a este lugar de alicerce a religião pode também atuar em um movimento oposto a individuação, pois ao determinar o modo correto de se pensar, de se agir e de se estar no mundo ela pode roubar do indivíduo sua autenticidade o tornando mais um dentre todos ou outros. Ao ser apenas mais um, o indivíduo pode perder sua posição de ser desejante podendo flagelar-se da sua possibilidade de existência impedindo desta maneira, o desenvolvimento do processo de individuação, ou seja, como alienante a religião pode adquirir características perversas ao atuar no indivíduo através de uma manipulação ideológica.

Voltando ao contexto do filme é necessário levarmos em consideração o recorte do local e do período histórico, além da forte crítica à instituição religiosa apresentada.

Sabemos que na Idade Média a religião Católica era uma poderosa força unificadora dos povos das sociedades Ocidentais. Era através dos ensinamentos da igreja Católica que os homens entendiam e aceitavam sua posição na sociedade feudal. Deste modo, cabia a vontade de deus o fato de um indivíduo ter nascido servo e o outro senhor feudal. Essas explicações religiosas da hierarquia social podem ser vistas como estruturante na medida em que o apego a deus era uma forma de o homem se sentir amparado em sua frágil condição humana. Ao explicar o mundo em função de uma verdade religiosa o homem daquela época encontrava na religião amparo frente às mazelas sociais. Desta maneira, neste período a religião muitas vezes atuava como um mecanismo importante de sustentação psíquica, uma vez que consolava o homem em sua posição no, ao mesmo tempo que aplacava os sentimentos de revolta contra a ordem estabelecida (aspecto alienante).

Ao impor uma verdade inquestionável, reflete o papel alienante que podem exercer, uma vez que, controlando o pensamento do indivíduo, pode roubá-lo de si, o tornando “servo” de valores e crenças pré-determinados e o fazendo crer que sua própria existência é menos válida do que a da instituição. No filme podemos destacar uma passagem que nos é bastante clara dessa posição alienadora da igreja. É quando um dos monges pune o próprio corpo para livrar-se da angústia de ter agido ou pensado de maneira divergente do que rege a instituição Católica.

Esta passagem simbolicamente revela o poder alienante da religião, uma vez que traduz uma relação de perda da identidade subjetiva e do próprio corpo físico na alienação. Nessa punição, a submissão nos é nítida, uma vez que o indivíduo flagela-se com a intenção de redimir-se de seu pecado. Porém esta é uma visão de fora, e de outra época. Atualmente, consideramos o autoflagelo um comportamento patológico e autodestrutivo. No entanto, para o monge, este comportamento obtinha seu sentido na crença de que um ato pecaminoso deveria ser punido para ser perdoado.

Outro aspecto apresenta um simbolismo bastante claro dessa possibilidade de alienação é o controle da biblioteca. Controlar a biblioteca e censurar livros é em demasia revelador dessa postura alienante que a religião pode ter.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de um minucioso estudo, sob o referencial teórico da Psicologia Analítica, e considerando o crescimento das instituições religiosas na presente época, esta pesquisa visou compreender o papel da religião e da religiosidade na estruturação psíquica do indivíduo.

Primeiramente distinguimos religião de religiosidade, esclarecendo que a religiosidade diz respeito a uma relação subjetiva do indivíduo com arquétipos da totalidade manifestados através de imagens do sagrado, como exemplo, os deuses. Já a religião se refere a um mecanismo social exterior ao indivíduo que pode ser assimilado pelo mesmo de maneiras distintas, podendo ser essa assimilação positiva ou negativa.

Neste contexto, exploramos a religião sob dois aspectos: a possibilidade de ser ela um mecanismo de amparo ao dinamismo da vida e a possibilidade de ser um meio de aprisionamento psíquico ao atuar como alienante.

Partindo destas duas possibilidades de contato do indivíduo com a religião, exploramos a influência da mesma no processo de individuação, destacando que o contato benéfico com a religião pode ajudá-lo neste movimento, por vezes angustiado, de se buscar saber quem é, e o contato nocivo, pode roubar o indivíduo de si, ao torná-lo mero objeto da instituição a que segue.

Outro aspecto destacado neste trabalho é o crescimento das instituições religiosas nos dias de hoje. Entendemos este crescimento como sendo resultado da necessidade de contato do ser humano com alguma instância “superior” para enfrentar a instabilidade da vida. Essa busca por algo ou alguém que forneça um “olhar” diferenciado diante do inexplicado ou do incapacitante, pode transmitir ao indivíduo um sustento emocional, sendo que este sustento pode ser positivo ou não.

Sobre a possibilidade de alienar seus fieis, entendemos que a religião atua através de uma relação de submissão e culpa, ou seja, ao criar seus seguidores como alguém inferior que tem uma dívida eterna com uma instância superior, a religião pode roubar o indivíduo do contato consigo mesmo, pois o mesmo pode passar a viver em

função dessa submissão e dessa dívida, abandonando assim a própria existência em prol de algo que lhe é exterior.

Como estruturante ela pode atuar auxiliando o indivíduo na sua busca por si mesmo, amparando-o diante das angústias da vida e colocando seus seguidores na posição de pertencentes a algo maior ao qual eles fazem parte.

É importante ressaltar que o papel que a religião desenvolve no indivíduo varia em função vivência, pessoal e coletiva, de cada um, portanto, não nos coube aqui explorar o que leva uma pessoa a tornar-se alienada e o que leva outra a encontrar um amparo na instituição sem se perder de si. É possível pensarmos também que esta dupla relação religiosa pode acontecer em um mesmo indivíduo o que revela o quanto subjetivo é essa relação.

Por fim, vale destacar que com este trabalho busquei aprofundar os estudos a cerca da religião e da religiosidade na obra de Carl Gustav Jung, visando ampliar o entendimento de a tal assunto. Acredito, no entanto, que há muitos outros caminhos a serem seguidos e a serem explorados sobre o mesmo tema, como por exemplo: a influência das religiões em uma esfera social, política e econômica, buscando esclarecer, como a religião atua em sociedades fundamentadas em uma religião específica e como ela atua nas sociedades laicas. Deste modo, acredito que esta pesquisa poderá servir de base para futuros trabalhos.

REFERÊNCIAS

ANNAUD, Jean-Jacques, 1960. *O nome da Rosa*. França, Itália e Alemanha, 131', son., color

ASSIS, Machado de, 2001. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: L&PM POCKET

Bíblia On Line. Disponível em <<http://www.bibliaonline.com.br/acf/atos/22>> Acesso em: 12/01/2012

BUONAROTTI, Michelangelo, aprox. 1511. *A criação de Adão*. Capela Sistina. Vaticano. Imagem disponível em <<http://cchsvirtual.bemvindo.net/book/export/html/617>> Acesso em: 05/03/2012

EDINGER, Edward F., 1972. *Ego e Arquétipo. Uma síntese fascinante dos conceitos psicológicos fundamentais de Jung*. São Paulo: Cultrix.

____ 1984. *A criação da consciência. O mito de Jung para o homem moderno*. São Paulo: Cultrix

FREEDMAM, John, 1959. *FACE TO FACE – Entrevista e Jung à BBC de Londres*, 40 min. son. p&b

FREUD, Sigmund, 1997. *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago

GAROTO, HOLANDA e MORAES, 1969. *Gente Humilde*. Disponível em <http://www.chicobuarque.com.br/construcao/mestre.asp?pg=gentehum_69.htm> Acesso: 10/06/2011

HOLANDA e SIVUCA, 1977. *João e Maria*. Disponível em <http://www.chicobuarque.com.br/construcao/mestre.asp?pg=jooemari_77.htm> Acesso em: 15/02/2012

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia Estatística). Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_imprensa.php?id_noticia=1205> Acesso em: 29/01/2012

JUNG, Carl Gustav, 1985. *Fundamentos da Psicologia Analítica*. Petrópolis: Vozes.

____ 2000. *A vida simbólica*. Petrópolis: Vozes.

____ 2005. *Psicologia do Inconsciente*. Petrópolis: Vozes.

____ 2011a. *Psicologia e Religião*. Petrópolis: Vozes.

____ 2011b. *Interpretação psicológica do dogma da Trindade*. Petrópolis: Vozes.

____ 2011c. *Resposta a Jó*. Petrópolis: Vozes.

MALANDRINO, Brígida Carla, 2003. *Umbanda – mudar para permanecer: a influência dos símbolos na mudança religiosa e permanência na Umbanda segundo a Psicologia Analítica*. São Paulo: PUC.

MUNCH, Edward, 1893. *O grito*. Galeria Nacional, Oslo.. Imagem disponível em <<http://cchsvirtual.bem-vindo.net/book/export/html/617>> Acesso em: 28/12/2011

PEREIRA, José, 2003. *A fé como fenômeno psicológico*. São Paulo: Escrituras.

SILVEIRA, Nise da, 1983. *Jung: vida e obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra

STEIN, Murray, 2006. *Jung: o mapa da alma*. São Paulo: Cultrix.

ULSON, Glauco, 1988. *O método junguiano*. São Paulo: Ática.

ZENI, Luciana Lima, 2005. *Migração Religiosa: A busca pela individuação através do sagrado*. São Paulo: PUC.